

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

11 de Fevereiro de 1989

Ano XLV — N.º 1172 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTA DA QUINZENA

A hora do correio, em nossa Casa, é uma lição. Os mestres, cada um com seu jeito, dão a sabedoria recolhida na vida. As cartas que nos mandam, com mais ou menos linhas, trazem a medida do coração de quem as escreve. A cátedra de ensino é a sua morada ou lugar de trabalho. O tema é a experiência do dia-a-dia. Somos discípulos. Há dias, dentro dum envelope vulgar, num bocadinho de papel com o código postal e o nome da cidade de Braga, demos com um tratado de economia de sentido cristão, «à boa maneira de Pai Américo», como diz. Se fosse um livro, punha-o de lado. Mas era um pedaço de Vida. Daí, o respeito e cuidado em o guardar como um tesouro. Eis algumas passagens:

«É com grande alegria e muita satisfação que venho partilhar com todos vós de uma forma mais efectiva. Esta oferta corresponde a uma promessa feita à Casa do Gaiato, da qual sou um feliz beneficiário. Não são sobras da nossa mesa. É o fruto de muitas renúncias, muitas privações, muitos sacrifícios para ter mais valor aos olhos de Deus. Eu e minha mulher trabalhamos uma média de 72 horas por semana, cada um de nós. Nunca tivemos férias (apesar de ter 50 anos). Não temos casa própria. Não temos televisão a cores. Não temos aparelhagem sonora de alta fidelidade. Vivemos com uma economia de sentido cristão, à boa maneira de Pai Américo. Somos felizes por isso. Não mandem recibo, por favor, e não esqueçam os heróis da Autoconstrução.»

Não falo em números. Digo que o valor dá para cinco telhados. Diante deste testemunho sou levado a pensar na minha vida. Depois da leitura desta carta não posso ficar na mesma. Quanta responsabilidade!

A Obra da Rua não faria algum bem pelos Pobres se não fossem os pobres. Aos que se admiram, o segredo está aqui. O coração pobre é a alavanca da felicidade.

Os jornais falam muito em bem-estar social. Quem dera que bem-estar fosse sinónimo de felicidade. Bem sabemos que não é. Por isso, não raro acontece que quanto mais bem-estar menos feliz se é.

Não esqueçamos os heróis da Autoconstrução!

Padre Manuel António

AQUI, LISBOA!

Lisboa é, sem dúvida, uma grande cidade, que tem crescido, aliás, nem sempre de maneira ordenada. O Tejo dá-lhe beleza e as colinas em que assenta são como que molduras enriquecedoras da paisagem. Todos os dias, nos mais variados meios de transporte, desaguam centenas de milhares de pessoas, em ordem às ocupações habituais ou a tratar dos mais variados assuntos nos centros de decisão próprios duma capital, dando-lhe vida e o inerente colorido do movimento.

A zona da Baixa, hoje quase desabitada, é, por excelência, comercial, com escritórios e lojas dos tipos mais dispare, onde a banca ocupa lugar cimeiro. Bares, restaurantes e similares completam o quadro. Nos passeios ou ruas fechadas ao trânsito circulam moles imensas de gente, de modo geral apressadamente, que há sempre forasteiros e turistas mais lentos nas suas passadas, observando com calma ou registando as imagens nos seus vídeos ou máquinas fotográficas.

Dias antes do Natal, por necessidades imperiosas da Casa, fomos à Baixa. Como sempre, preocupados, embora, com os assuntos concretos a tratar, fomos reparando nos quadros humanos, detectando, em especial,

a legião de expostos, estendendo as mãos aos transeuntes que, céleres, nem conta davam do facto, ou tão pouco ouviam as súplicas pronunciadas. No Terreiro do Paço, legiões de jovens, muitos dos quais de cor, desfrutavam à compita os lugares de estacionamento, para os indicarem aos automobilistas; na zona da Praça da Figueira ou do Rossio, grupos de crianças, descidas sobretudo dos bairros adjacentes, ofereciam os mais distintos objectos a quem circulava ou pediam esmola. Grupos de marginais pululavam por aqui e por ali e, em determinados lugares, era visível a influência da droga e das perversões ou, se quiserem, das aberrações sexuais. Ao subirmos, precisamente a rua do Ouro, demos conta que seguiam à nossa frente dois «travestis», com gestos amaneirados e linguagem efeminada, atraindo sobre si os olhares ou os comentários adequados.

Era, como atrás dissemos, época de Natal. Não podíamos, pois, alhearmo-nos do seu significado. Fomos meditando no que víamos e escutávamos, reflectindo no desregramento moral patente e interrogando-nos sobre o futuro de tantos jovens e adolescentes encontrados,

SETÚBAL

Há seis anos fui a Carnide buscar um rapaz a uma montureira. Era um aglomerado de barracas e, nalgumas delas, vivia um aglomerado de gente. Dir-se-ia uma zona cosmopolita na grande capital: Homens e mulheres de todas as cores, vindos de toda a parte!...



O reino das barracas é assim, em todo o lado: nos grandes meios urbanos ou no interior do País.

A mãe do Rogério, branca, «servia» um grupo de negros, em medonha aberração, continuamente dominada pelo álcool. Foram os Padres Franciscanos que detectaram o caso, se doeram e nos pediram para a criança inocente, vítima deste cataclismo humano.

Quando me enxergou e se apercebeu ao que vinha, o rapaz, de 10 anos, fugiu espavorido. Estou a vê-lo, ao longe, atirando a sua comprida sombra para o chão, pois o sol estava baixo. Cabelo desgrenhado. Figura triste e sombria, entrou de tal modo na minha memória que nada a poderá varrer.

Alguns dias depois, os discípulos de S. Francisco vieram trazê-lo. Gosto tanto de ver os Padres Franciscanos metidos nisto! Não deviam fazer outra coisa.

Não admira que o Rogério tenha problemas. Fez a 4.ª classe e, agora, frequenta o Ciclo já com 17 anos. Tem a seu cargo um tractor e já realiza todos os trabalhos com a alfaia, nas horas livres das aulas e do estudo.

Há um mês fugiu com o «Juju». Eu não esperava nada. As noites de insónias sucederam-se e a minha dor crescia à medida que contemplava o quadro atrás descrito, mais a deliciosa ilusão de fazer dele um homem. Foi um negociante de pinhas que o seduziu, mas só lhe pagou um dia.

O Rogério andou por lá com o «Juju». Dormia num carro com o seu companheiro e rapou fome, frio e sujidade até fartar! Voltou. Pediu que o recebesse. Que se iria portar bem. Que aceitava o castigo de fazer o refeitório à noite e ser rapado.

— Sabes o que é alegria? Alegria, alegria, alegria!? Alegria de inundar?!... — e nos fazer sentir num mar de alegria?!... Foi um vulcão de júbilo que abafei no meu coração quando, ao chegar, à noitinha, vi o Rogério sentado num degrau das muitas entradas que a nossa Casa tem.

O «Juju» não voltou. Será difícil!... A sua história é mais complicada.

Continua na página 4

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — O GAIATO é um templo que reflecte a cruz dos Pobres, muito semelhante à de Jesus de Nazaré — segundo a doutrina do Corpo Místico. Não há dor nem miséria sem alívio! Graças a Deus.

Como é tradição, para além de prestarmos contas do agir da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, o ano passado, ao Conselho Central da SVP e à comunidade paroquial, temos obrigação moral de as revelar aos leitores que nos dão força material — e espiritual — para acudirmos a lares carenciados: órfãos e viúvas, terceira idade, mães solteiras, famílias divididas, autoconstrutores, desempregados — e novos Pobres que sofrem, imerecidamente, assimetrias motivadas pelo crescimento económico, quicá, por um desenvolvimento *desintegrado*.

Já que mexemos em cifras, vale a pena referir, estatisticamente, como é difícil a vida de grande número de portugueses: 40% alojados em barracas ou partes de casa, especialmente nas zonas suburbanas. 60% com parca alimentação (a tuberculose, *doença da fome*, volta a aparecer!), sem possibilidades de utilizarem certos géneros alimentícios: carne, fruta... Peixe, só quando pode ser. Há 37% de analfabetos (28% de adultos, 9% de crianças e jovens). 43% da população caminha para ou já pertence à terceira idade, consumindo 80% do produto bruto farmacêutico. Enfim, não se avizinha grande progresso para a qualidade de vida de *todos* os portugueses. Panorama sombrio que nem sempre entra pelos olhos de toda a gente, numa sociedade consumista, egocentrista.

Vamos às contas de 1988: A partilha dos leitores somou 2.232.898\$00. Distribuímos 1.028.179\$00 em auxílios domiciliários: alimentação, etc. Lareiras acesas! O necessário para três refeições diárias. Nos casos de doença, aplicámos 109.892\$00; dos remédios às *taxas moderadoras*, incluindo alguns *extras* para certas consultas em especialidades, pois nem sempre os males podem esperar pelas bichas e burocracia da Segurança Social! A nível vicentino, entregámos 70.939\$00 ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo e canalizámos 62.500\$00 por duas equipas de recolheiros dos Pobres com problemas difíceis. Contemplámos três estudantes com 22.025\$00. Pagámos 5.000\$00 em despesas gerais. Demos um estímulo a 15 autoconstrutores, reparámos uma habitação do Património dos Pobres e estamos reconstruindo, de raiz, uma outra; tendo a Conferência pago, ainda, durante o ano passado, três aluguéis de moradias a gente que nem para o caldo teria quê. Tudo somado, no capítulo da Habitação, dá uma verba de 815.922\$00! Ou não fosse este sector, na vida dos Pobres, um dos mais prioritários...! Restam 170 contos para acabar a reconstrução da referida moradia e matarmos a fome a quem precisa.

PARTILHA — Para o aluguer da casa dum viúva, duas remessas do assinante 17258 — Rio Tinto. 2.500\$00 de Santa Cruz do Douro. 3.500\$00 da assinante 33676 — Vila Nova de Famalicão. Assinante 23618, três mil escudos. Assinante 11902: «*Mensalidade que, em relação à anterior, vai acrescida do que será a 'inflação' de 1989*». Respeito pelos Pobres!

Assinante 29884, uma carta espumante com cinco mil escudos «*para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*». Vila Nova de Gaia — assinante 25637: «*Como sempre, nesta altura, venho desobrigar-me duma grata tarefa — enviar um pequeno donativo, pois não me é possível enviar maior quantia*». Os pobres dão a mão aos Pobres e o Senhor, nosso Deus, regista no livro da Vida.

Mais cinco contos de Natalina, d'algures. Promessa, muito significativa, da Praça de Liège (Porto). E, como sempre, «*a partilha, de Janeiro*», pela mão «*duma assinante de Paço de Arcos*». Mais 200\$00 da assinante 6790. Remanescente de contas, da assinante 31881. E dez contos de um anónimo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VIDA MILITAR — No princípio de cada ano é costume, a nível nacional, todos aqueles que completam 18 anos darem o nome para o serviço militar.

Muitos dos nossos rapazes (15) já cumpriram a formalidade.

DESPORTO — Na ginástica, depois das recomendações do Padre Manuel, nunca mais ninguém faltou. Portanto, decorre normalmente. Os rapazes interessam-se, cada vez mais, pela sua preparação física, pois sabem que é para bem da própria saúde.

GRUPO DA LENHA — Tem por função manter a nossa Aldeia limpa e bonita. Varrem as ruas, desentopem os bueiros para, quando chover, a água poder correr nas valetas, sem preocupações. Também cuidam dos jardins.

O grupo merece o nosso apoio e respeito. Tudo realizam como quem brinca...

Paulo Jorge Silva Lourenço

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quando leio *O Barredo*, nele encontro a força que me é necessária para não cair na rotina. E digo na rotina porque, às vezes, é-me difícil saber ouvir os Pobres. São sempre os mesmos queixumes: falta o pão, tudo o que é essencial!

A família que visito tinha pedido roupa. Veio por ela mais uma irmã, mãe solteira. Foram contentes com o que levaram.

Na visita seguinte, um dos pequenos, com 14 anos, mostrou umas calças. Com que alegria!

Tu, amigo jovem que me lês, já pensaste alguma vez que ao pores de lado umas calças em bom estado, poderás fazer a felicidade de outro jovem que, como tu, gosta de parecer bem?

Já pensaste que se não comesses um pastel nem tomasses um café num só dia de um mês, esse dinheiro daria para um dia de pão para uma família mais necessitada? E mais: se com a tua mensagem convidasses outro amigo a fazer o mesmo e ainda outro, tantos irmãos nossos não sentiriam a falta de pão!? Pensa nisso.

No mês de Dezembro chegaram bastantes donativos mas, com mais alguma coisita que se deu no Natal, ficámos, outra vez, de mãos vazias. Contamos com a vossa generosidade todo o ano.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 44842 manda roupa e 2.000\$00; anónimo, 2.000\$00; mais 1.000\$00, do assinante 3359; anónimo, 500\$00; de Amélia Mendes, 1.000\$00; Maria Augusta, 2.000\$00; assinante 14590, 1.000\$00; Maria Joana, 2.000\$00; Coimbra, 2.000\$00; assinante 17725, 2.000\$00; Borges Leitão, 2.000\$00; assinante 26935, 2.000\$00; Elvira, 1.000\$00; Maria Poças, 5.000\$00 e pede orações por alma de seu marido. Maria Neves, 1.000\$00; Catarina, 500\$00; uma amiga, 6.000\$00 para as gémeas da Bandeirinha. Em nome delas, muito obrigado. 2.000\$00 por alma de Maria Teresa; Anónimo, 1.000\$00; o nosso «Zé do Porto» deixa ficar 600\$00; mais um anónimo, 500\$00; Maria Celeste, 1.000\$00; Amigos de D. António Barroso, 500\$00; uma viúva, 2.000\$00; outro anónimo, 7.000\$00; C. R., 1.000\$00; assinante 19109, 2.000\$00; anónimo, 10.000\$00; mais um anónimo, 1.000\$00; M. R. P. pede felicidades para os netos e manda 10.000\$00; Alberto, 500\$00; 1.000\$00, de um anónimo; 10.000\$00, para telhas na casinha de Miragaia; uma anónima com roupa e 5.000\$00; assinantes 13807 e 25405, 2.000\$00; bem longe, de Macau, 5.000\$00; anónimo, 5.000\$00; Maria Elvira, 1.000\$00; assinante 19177, 1.500\$00; mais telhas para a casa de Miragaia, do assinante 19177: 15.000\$00.

Em nome de todos que visitamos, o nosso muito obrigado.

Endereço da nossa Conferência de S. Francisco de Assis: *Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO*.

Uma vicentina

SETÚBAL

CASAMENTO — Mais um irmão nosso resolveu dar o laço matrimonial: o Elói. Decidiu partilhar a sua vida com a Dina.

A Eucaristia, na nossa Capela, às 12 h, foi celebrada pelos Padres Aclio e Cristóvão.

Um dia antes da cerimónia, o Padre Aclio sentia-se feliz e dizia: «Mais um homem criado e educado na Casa do Gaiato... É este o desejo do Pai Américo; e nós, como filhos da Casa do Gaiato, temos o dever de o fazer».

Desejamos felicidades ao Elói e esposa.

MARGINAIS

És capaz de amar?

Se és,
Então faz viver em castelos,
Tristes e sem lar,
Os velhos.

És capaz de compreender?

Se és,
Então não deixes morrer
No lodo
Do caos
Os ideais
Do povo.

És capaz de florir?

Se és,
Então enfeita as cidades,
As famílias
E as sociedades
De fantasias,
Para voltarem a sorrir.

Manuel Amândio

ESCOLA — Acabou mais um período e as notas dos estudantes não foram famosas. Esperamos que, no próximo, as coisas corram melhor e consigam alcançar resultados compensadores.

DESPORTO — Mais uma vez o convívio reinou, em nossa Casa: O G. D. da Camarinha, equipa bem organizada pelo que mostrou, logo marcou. Mas nós, com mais preparação e táticas, superámos a pressão do adversário e dificilmente chegámos aos 6-2.

Em 2 de Janeiro, participámos nas habituais corridas de S. Sebastião, em Setúbal. Jorge Anjo, o melhor classificado, ficando em 2.º e o Albertino em 3.º lugar. Houve medalhas de participação para todos.

Pedimos aos grupos desportivos, que nos queiram defrontar, para escreverem ao Grupo Desportivo e Recreativo «O GAIATO» — 2900 Setúbal ou telefonarem para o 23054, a partir das 19 horas, ou para o 22745, no fim-de-semana.

Paulo Martinho Lopes

Tribuna de Coimbra

Continuamos a saborear as prendas de Natal e a louvar o Senhor pelo Seu Amor partilhado pelo coração de todos aqueles que o abrem:

O casal, de Cebolais de Cima, vem muitas vezes por aí abaixo; a pequena multidão que procura a Casa do Castelo para repousar nas mãos amigas de Maria Teresa; um dia de trabalho posto em minhas mãos; a Câmara de Coimbra, com parte da venda de vidro igual a cem contos; a mesma quantia, do Governo Civil; o nosso Bispo veio e trouxe cheque de 267.002\$50 de contributo penitencial da Diocese; dois mil, de quem lhe faz falta, mas tem alegria de dar; muitos e muitos Amigos, de Coimbra, que vieram pelo correio.

Cinco mil, de Castelo Branco; Amiga, de Cabaços, veio várias vezes; Amigo, de Montemor, também; Amiga, de Mira, de igual modo; mais Castelo Branco; muitas presenças, de Tomar; de Canas de Semide; mais, de Castelo Branco; a Amiga dos figos, de Alcorochel; muitos «*leve para os seus meninos*», na minha aldeia; o Amigo pescador, de Quiaios; a Amiga, de Vilar Formoso; o grupo de senhoras, de Cascais; muitos Amigos, da Lousã; 5.050\$00, da Comissão de Trabalhadores da R. N.; a presença, frequente, de Amigos, de Pombal; Amigo que, da Suíça, nos recorda muitas vezes; senhora, de Lar, da Maia; Amigos, de Arganil; Amiga, de Soure, que comunga conosco.

Senhora, de Foz de Arouce, a recordar o marido; casal, de Maceira-Liz; Amigos, de Anadia; vários sacerdotes que apareceram; recordação de Amiga, do Luso, que Deus chamou; presenças de Amigos, da Covilhã; o grupo de senhoras que vem ajudar a tratar a nossa roupa e traz suas lembranças; Amigos, de Cabeçudo; Amigos, da Figueira da Foz; trinta, do primeiro ordenado entregue em minhas mãos por quem o ganhou, de olhos rasos de lágrimas; uma nota de cem dólares canadianos; duas notas de francos suíços; os Amigos, de Amadora; e os de Odiveiras; sacer-

dote nos 80 anos; Amigas, de Penacova, que vieram algumas vezes; Amigo, da Freixianda; Amigos, de Figueiró dos Vinhos; muitos Amigos, de Leiria; peditórios na igreja da Mealhada; Amigos, de Bruscos; ofertas deixadas na igreja de S. José que Padre João entregou; 8.221\$00, de jovem, de Coimbra; Amigas, de S. Martinho do Bispo.

Trinta da Marvac; vinte, de Luís, de Cacém; o casal, de Meãs do Campo; Amigos, do Luso; o casal, de Pereira do Campo; vinte, a «*recordar o filhinho de cinco anos que foi para o Céu*»; cinquenta, de três irmãs; Professoras, nossas vizinhas, que aparecem; Amigos, de Fundão; cinquenta, e outras ofertas, de Amigos, do Porto; Amiga, da Póvoa de Varzim; cartas, da Mougueira — Sertã; cinco mil entregues em minhas mãos, nos Moinhos; vinte, «*um grão de poeira*»; trinta, de Vila Real; casal, de Tentúgal; Amigo, de Vila Gosendo; Amigos, de Condeixa; da Ponte Velha; cinquenta, na Praia de Mira; Amiga, de Feres.

Dez, de Tortosendo; cinco, de vicentino, de Bombarral; Amigo, da Cruz Quebrada; de Viseu; da Lagarteira; de Porto de Paia; de Irmãs, de Monforte; Amigos, de Cantanhede; dez, de Amiga, de Castanheira de Pera; 19.100\$ da Escola de Proença-a-Nova; vários Amigos, de Lisboa; sacerdote, da serra, com cinquenta e que aparece há muitos anos; Amiga, de Chãs, de Leiria; Amiga, de Ceira; de Laranjeiro; de S. Sebastião de Penela; de Amiga, de Cumieira; de Meirinhãs; de Vila Nova de Gaia; de Gouveia.

Trinta, de Amigo, da Parede; 30.400\$00 do Colégio de Cernache; a Família de Santa Cita, de Tomar; de Mogofores; de Ermesinde; de Alfarelos; de Pampilhosa; vizinha, com cem dólares; de Almeirim; de Brasfemes; de Cascais; de Queluz; da Golegã; de Friumes; de Cosmilo; de Chão de



NOVOS LEITORES DE «O GAIATO»

O movimento dos últimos dois meses é consolador!

Quando rebuscamos a correspondência dos leitores, assoma ao nosso coração uma saudadezinha de Pai Américo. Correio desta ordem fazia-o exultar: — *Olha p'ra esta carta! É prò jornal. Vamos pròs cinquenta mil...!* Afirmções que nos contagiavam. E sempre que sugeríssemos acções desta ordem, acedia: — *Andem prà frente!*

O nosso Padre Carlos continua de terra em terra, falando d'O GAIATO, nas celebrações de preceito, à hora das homilias. Nos últimos três meses esteve em Macieira de Sarnes, Milheirós de Poaires, S. João da Madeira, UI (Oliveira de Aze-meis), S. Martinho da Gândara e Amarante. Trouxe 733 novos assinantes! Párcos motivados para esta acção, diríamos, pastoral. Temos notícias d'alguns que, depois, mandam nomes e endereços de cristãos que *acordaram* mais tarde.

Na mala do correio chegam novas de todo o mundo lusada! A propósito: Um carteiro, do Noroeste transmontano, também alinha na procissão: «*Feliz Ano Novo são os votos destes humildes assinantes que consegui arranjar, apesar de ser mais trabalho para mim, pois sou distribuidor rural dos CTT. É sempre com grande prazer que entrego o pequeno-grande jornal O GAIATO. Continuem a fazer o Bem por aqueles que precisam e por amor de Deus.*». Testemunha a sua fé!

Permanece, muito viva, a expansão d'O GAIATO entre as famílias dos leitores! Assinante 36001: «*Envio o nome de mais uma assinante que é minha prima e muito necessita de todo o bem que O GAIATO nos dá.*»

Assinante 40085: «*Considerem nova leitora esta minha familiar..., como prenda de Natal. Ela é doente, idosa e mal se pode movi-*

mentar. Como aprecia e admira a Obra da Rua, ofereço-lhe esta prenda que passará a visitá-la, quinzenalmente, no seu quarto solitário. É um clarão de Luz que irá acompanhar e suavizar o seu sofrimento. Ficou radiante!»

Assinante 9280: «*Guardamos as melhores recordações de quando os gaiatos ficavam por cá, de um dia para o outro, e vinham jantar a nossa casa. Sou reformada e, como sabem, tive um aumento que nem chega para comprar um bacalhau. Queria fazer um pedido, já feito, mas perdeu-se: se mandavam O GAIATO para as minhas netas, em Lisboa.*»

Assinante 20112: «*Incluem, na lista, o meu netinho. Tem apenas dois meses e meio de idade! Recebeu muitas prendas, no Natal. Materialmente, não lhe dei nada. Lembrei incrível-lo como assinante d'O GAIATO, sendo eu responsável pela anuidade. Assim, embora pequenino, mas com uns pais devotados e que vão também impulsionar-se pela leitura do jornal, hão-de conduzi-lo pelo Caminho que leva àquela Vida para que vale a pena viver.*»

Assinante 5368: «*Não tenho vergonha de dizer que sou analfabeta. Mas, com muita vontade, vou sempre aprendendo... Agora, peço que*

mandem O GAIATO para a minha afilhada, que só tem sete anos, e é uma surpresa que lhe quero fazer.»

Assinante 15915: «*Peço a inscrição dum assinante. Surpresa que desejo fazer a uns sobrinhos. Gosto muito d'O GAIATO, mas não tenho palavras para me expressar.*»

Aqueles leitores que nem sempre encontram os pequenos distribuidores do Famoso, pedem a remessa pelo correio. Um, diz assim: «*Somos um casal com dois filhos, que vivemos dum só ordenado e pretendemos dar-lhes mais do que os nossos pais nos deram. Lemos O GAIATO quando algum dos vossos rapazes nos contacta. Ultimamente, não temos encontrado nenhum e gostaríamos de nos tornar assinantes.*» Outro: «*Sempre*

que, casualmente, me vem à mão O GAIATO, gosto de o ler e após essa, por vezes, apressada leitura, alguma coisa fica para meditar. Assim, de futuro, incluíam-me na lista dos assinantes.» Outro mais afirma que tem «*lido o Famoso durante muitos anos, mas sempre à boleia. De modo que, este ano, resolvi tornar-me assinante.*»

Por fim, damos relevo aos Amigos que motivaram companheiros de trabalho, tempos livres, vizinhos, pessoas das suas relações. Chegam listas pejudadas de nomes, provenientes de várias terras: Vidi-gal (Leiria), Oliveira do Douro, Valença, Estremoz, Vila Nova de Gaia, etc. Um mundo de gente!

Júlio Mendes

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA DOS GAIATOS, C.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no art. 44.º do Código Cooperativo e ao abrigo dos art. 25.º e 26.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Cooperativa a reunir, na sede social, à Rua D. João IV, 682 — Porto, no dia 25 de Fevereiro de 1989, às 14 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Discussão e votação do Regulamento Interno.
- 2 — Deliberação sobre a efectividade das inscrições e início das actividades.
- 3 — Outros assuntos de interesse para a Cooperativa.

De acordo com o preceituado no n.º 2 do art. 27.º dos Estatutos, se à hora indicada não se encontrar presente a maioria legal prevista no art. 25.º, a Assembleia reunirá meia hora mais tarde, com qualquer número de membros.

Pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Joaquim Ferreira Mendes
(Secretário efectivo)

Lamas; casal, de Avelar; dez, da Confraria da Rainha Santa; Amiga, da Curia; 14.080\$00, de cristãos, de Orelhudo; de Monte de Lirio, Anta; da Escola n.º 1, de Pedrógão Grande; Amiga que desceu de Penedos Altos; muitos, da Covilhã.

Sabe sempre bem a presença daqueles que nos visitam. As maravilhas que alguns refletem. Todos quantos vão ao nosso Lar de Coimbra. Há muito tempo que não compramos roupa nem calçado. Amigo, vizinho, quer sempre calçar todos no Natal. O cuidado que ele tem para que demos os números à sapataria! A imensidade de embrulhos de roupa. Roupa nova e velha e de todos os feitios. São montes de roupa! A Alfândega, da Figueira, mandou entregar cem quilos de camarão. — *Comemos à rica!* — como diziam os rapazes. Outras coisas muito boas que nos dão. Louvemos o Senhor por todas as boas obras.

Padre Horácio

Aí está!

A primeira convocatória oficial, após a legalização da nossa Cooperativa. Outras se irão seguir, disso estamos certos, pois é convicção dos que à esta iniciativa deram corpo que só a mobilização de esforços e vontade de todos dará corpo aos anseios de quantos de nós carecem de habitação condigna.

A Assembleia que ora se convoca deverá constituir mais um passo firme no caminho que vamos ter de percorrer. Os problemas que nos vão surgir só poderão ser resolvidos se nos encontrarmos unidos, atentos às dificuldades e determinados em vencer.

O Regulamento Interno, instrumento importante para o normal funcionamento da Cooperativa, a determinação no que respeita ao início das nossas actividades e o vínculo que vai estabelecer-se entre os Cooperadores e a sua Cooperativa, são motivos mais que suficientes

para mobilizar todos quantos acreditam e aderiram à iniciativa.

Todos vamos ter, Corpos Gerentes e Cooperadores, papel importante na vida da Cooperativa. E, se a tarefa dos primeiros lhes vai exigir muito do seu tempo e dedicação total, aos Cooperadores não menos será exigido — até porque beneficiários primeiros — mormente no respeito das suas obrigações estatutárias e no cumprimento das exigências financeiras, suporte económico da sua Cooperativa.

Será, pois, neste compromisso mútuo que encontraremos a força e o ânimo indispensáveis às tarefas que nos esperam.

Vamos construir uma Cooperativa que seja o orgulho dos que representamos e sirva as carências habitacionais dos nossos companheiros.

Assim Deus nos ajude... e os homens nos não faltem!

José Eduardo

Calvário

• A solenidade e rigor litúrgicos encantam-nos e elevam-nos — tanto mais quanto lhes percebemos o sentido.

Ora, há dias, numa das nossas Casas e Celebração Eucarística pelos nossos Padres e comunidade, aconteceu o inédito: No momento das leituras, os dois mais pequeninos — 2 e 3 anos — avançaram pela igreja fora e foram atirar-se para os joelhos — regaço dos Padres-Pais, Acílio e Cristóvão!

Leituras, homilia, consagração, Missa fora — não arrancaram mais. Uma foto? Ninguém tirou! Mas transmito-a neste instantâneo.

• Se a liturgia é uma expressão do amor ao PAI, eis, neste gesto, o seu cume.

Que os liturgistas nos perdoem por esta atitude fora dos compêndios, mas comum e habitual nas nossas Casas.

Pena é que nem sempre sejamos capazes de levar este amor até às últimas consequências... Como mãe que, no amor ao filho, vai até ao fim, direi mesmo, para além, à semelhança do Amor infindo de Deus.

No final da Eucaristia, os dois deslizaram e foram acolher-se nos braços da Isaura — a mãe daquela família... Eis.

• Apesar dos nossos esforços, não conseguimos perfeitamente ser família em toda a sua plenitude.

São tão fortes os laços do sangue! É o «Bobi» sempre ansioso pelo seu aniversário, pensando nos mimos e visita dos seus. O

Domingos com a febre das cartas para a família. O «Bininho» chamando mãe a todas as senhoras que nos visitam — pela lembrança da sua. O Manuel a querer ir... Para onde? Ele presente a nostalgia dum lar que não conheceu. São os nossos gaiatos casados. Quem mais apaixonado e cioso que eles pelos filhos e esposas? É bonito ver... Neste momento rejeito, mentalmente, cada um. Tanta ternurinha! Eles se esforçam por encher todos os vazios — dentro de suas limitações — a luta de gigantes contra todas as carências.

Só a Família!

Ela o campo mais fértil para o desenvolvimento integral e equilibrado.

Por tal, a necessidade e nosso anseio por sermos cada vez mais Família em toda a sua plenitude. Assim seja.

Padre Telmo

Uma Carta

«Venho, mais uma vez, cumprir a obrigação de pagar a assinatura d'O GAIATO que, quinzenalmente, chega ao meu lar e é lido por todos com agrado.

Tenho pena de não poder enviar mais, pois O GAIATO não se paga com dinheiro nenhum, porque as suas palavras são Vida, vivida com experiências amargas e belas do dia-a-dia, escritas com amor, coragem e abnegação; AMOR com letras grandes, como só sabe dar quem vive com Fé e Amor a Jesus e ao Irmão mais carecido.

Obrigado pelas lições que O GAIATO nos dá, quinzenalmente. Na rectaguarda, vamos rezando ao Senhor que dê coragem para continuarem essa bela e nobre missão.

Assinante 26038»

A G O R A

A carta com que terminou a última crónica sob esta epígrafe (de que a presente é o resto) refere o caso do «Arouca» aqui exposto há meses.

Não foi apenas o Elísio Humberto que respondeu a esta interpelação. Alguém, de Lisboa, em homenagem a sua mulher que já não é deste mundo, tem vindo a pôr em nossas mãos quantias que são já um bom estímulo para o arranque. Somente que ainda não está desembaraçada a teia que enreda o terreno aonde a casa há-de ser, para poder ser sem clandestinidade nem equívocos jurídicos que venham amanhã embaciar a transparência da sua posse. No sítio já há tijolos e blocos de cimento, fruto de economias do «Arouca» a quem não falta vontade de os pôr no seu lugar. Só a luz verde para andar em frente ainda se não acendeu. Oxalá muito em breve possa dar melhores notícias.

Entretanto, graças a Deus, a **procição** não pára — resposta ao voto vindo da R. Nova da Alfândega — Porto, com um cheque de dez contos: «Que Deus não interrompa nunca as Suas bênçãos para a vossa divina Obra, eis a minha prece

AQUI, LISBOA!

Cont. da página 1

sem eira nem beira, como pensando nas outras questões.

Lisboa é, na verdade, uma grande cidade, mas como sucede com outras grandes urbes, à medida que cresce maiores são as desgraças ou os desvios verificados. Há zonas específicas de frequência mais acentuada para os portadores de doenças ou de desvios e temos assistido, em pleno dia, de quando em vez, aos mais variados golpes, nos locais de maior movimento.

Conclusão: uma sensação de tristeza nos invadiu a alma, por nada ou pouco podermos fazer pelos nossos semelhantes, sendo certo que há legiões de marginalizados que não têm quem lhes estenda as mãos. Entretanto, lupanares de vários matizes vão abrindo por toda a cidade ou realizam em plena rua os seus objectivos; salas de jogos, **boîtes**, discotecas e clubes nocturnos, fontes de riqueza material para poucos, irão contribuindo cada vez mais para o dessarramento e a desgraça de muitos. Isto para não referir o aviltamento espiritual de bastantes daqueles que se convencionou chamar, quanto a nós mal, classes sociais altas que, muitas vezes, andam muito, mesmo muito por baixo, ao sabor dos deuses dos cifrões e do regabofe moral, talvez sem epítetos, mas não menos marginais do que os primeiros.

Padre Luiz

ÀQUELE ÚNICO que tudo pode realizar e dirigir».

Da R. Francisco Garrett, em Queluz, 5 contos. De Arminda, de Pardelhas, outro tanto. Cem, de Amorim, de Guimarães. Catorze, da R. dos Crisântemos — Porto. Dez, das filhas do assinante 10737. Várias presenças, com nome ou sem ele, no Espelho da Moda. Dois contos, da assinante 10006; e dez, da 6762. Cinquenta, de Marinhos — Esposende, «por alma de meus Pais e Irmãos falecidos. Que Deus tenha piedade deles e de nós». Dez, de Cristina, que contempla igualmente a Casa do Gaiato e o Calvário. Duzentos, de casal modestíssimo que recebeu uma pequena herança e veio aqui reparti-la. Dez, de Ana, da Figueira da Foz. Cem — «um nadinha comparado com a leitura do vosso jornal, sinal de esperança. Que não falem continuadores à Obra de Pai Américo».

Mil escudos, de Lúcia — «uma avó de 81 anos». O dobro, de Ilda, da Covilhã. O mesmo, de alguém, com votos de «muito bom Natal». Graças a Deus, assim foi. Outro depósito directo e anónimo na U. B. P.: 20 contos. Cinco vezes mais, de uma viúva que vendeu uma casita em Baião e ainda nem sequer recebeu o preço todo, que a casa é pobre e por pobres foi comprada. Mil escudos de uma Mãe aflita com a instabilidade de um filho. Uma dúzia, de outra Mãe, a quem «muitos desgostos fizeram medrosa, porque filha única de um casal que quase nunca se entendeu e acabou por se separar» e agora «procura

educar os seus três filhos seguindo alguns ensinamentos de Pai Américo».

Outros mil escudos entregues no Montepio Geral — Lisboa e cinco vezes mais, de Júlia. O dobro, de Idalina, «por uma graça obtida». Cento e cinquenta contos da Praça Pasteur — Lisboa, de quem manda iguais quantias para a Casa do Gaiato e para o Calvário. Quinhentos escudos, de Elói. Dez mil, de Maria Adelaide. Vinte, de Maria Armada e «peço orações para aceitar bem o sofrimento. É tão difícil! Deus me ajude». Entretanto, Joaquim acrescenta: «É na sombra dos que sofrem que sinto o chamamento de Deus para agir em prol dos que devemos amar». E com este desabafo veio cheque de trezentos contos para o Calvário e de duzentos para os autoconstrutores. E mais este pedido: «Por favor mantenham o anonimato e aceitem o arrependimento de todas as minhas faltas para com o meu Próximo».

E do Largo Alberto Pimentel — Porto, esta carta:

«Li o artigo 'Reflectindo' e tenho pena que, apesar de toda a verdade que ele encerra, não chegue para motivar as pessoas, ajudando a modificar a sociedade em que vivemos. Todos nós nos esquecemos e vamos na onda, não pensando, a maioria das vezes, que o supérfluo não devia fazer parte do nosso dia-a-dia, enquanto milhares de famílias deste país ainda carecem de tantas necessidades. Pena que o vosso jornal não chegue a todos os lares,

porque sempre ajudaria alguns a meditar um pouco e a desprenderem-se de algumas coisas supérfluas em favor dos mais necessitados.

Peço a Deus que dê força, poder e Luz à alma de Padre Américo para

que ela possa entrar em muitos lares, neste Natal que se aproxima. A uns, ajudando-os nas suas necessidades e a outros, a lembrarem-se dos que precisam.»

Padre Carlos

Cantinho das Senhoras

«Falai, Senhor, o Vosso servo escuta.» (1. Sam. 3, 10)

O chamamento de Samuel é dos mais belos que são narrados na Bíblia. Diz o escritor sagrado: «Naquele tempo o Senhor falava raras vezes e as visões não eram frequentes». (1. Sam. 3)

É principalmente para vós, senhoras, que estejais livres para poderdes dispor da vossa vida e entregar-vos ao Senhor no serviço dos mais pequeninos, que faço este convite: Lede com atenção o chamamento de Samuel e pensai no que a seguir descrevo:

Há dias, o nosso Padre Cristóvão atirou-se à cadeira, apertou as mãos na cabeça e disse: —Ai, meu Deus, aquela casa quatro *precisa tanto duma senhora adulta, mas com cara de Mãe!* Há coisas de que não há dúvida. *Só uma presença feminina permanente e em espírito de entrega pode resolver». E repetia: «Uma senhora adulta, mas com rosto de Mãe e não de avó».*

O que é a casa quatro? A dos pequeninos que passam na casa-mãe pelos sete, oito anos; e dos que chegam entre os sete e os dez anos. Dormem lá trinta e dois rapazes com chefe e sub-chefe, dois pré-adolescentes que fazem de *mãezinhas* (como diria Pai Américo). Mas que também precisam de Mãe. A casa está preparada modestamente para receber uma senhora que se queira dedicar doando-se a este grupinho.

O que preocupa o nosso Padre Cristóvão? Trinta e duas crianças. Alguns, diariamente, com problemas de chichi, na caminha. Necessitam de quem olhe pelas cabeças, unhas, mazelas; de aprender a vestir-se, lavar-se, pentear-se para sair à rua, Capela, escola ou para a cama. E, também, de quem os ajude a respeitar os horários de descanso, aulas, obrigações. De quem os ajude a discernir entre o que tem que ser feito agora ou depois. É inevitável (pois ainda não têm idade de controlar as vontades), deixarem de ver, de vez em quando, um programazito mais apetecível de televisão. Depois?... As aulas, as obrigações, a Catequese, a Missa nem sempre correm bem. Quantas vezes me vejo aflita para «desmamar» esta gatinha! Quando passam da casa-mãe para a casa quatro, vão contentes com a ideia de que são mais crescidos e não precisam de Mãe, dizem... Mas, passados uns dias, acabam os encantos da «partida à descoberta doutros mundos». Vêm à minha procura, mas estou absorvida pelos que entretanto chegaram. Isto fá-los sofrer. A mim, também. A expressão deles quando passo pela sua casa, à noite, na salinha ou quando estão doentes, é de saudade que os magoa — a eles e a mim. Ninguém pode estar em dois lados ao mesmo tempo. Àqueles que vêm directamente para lá, embora mais crescidinhos, também esta presença faz muita falta. Uns e outros sofreram desenraizamento.

Vou citar uma quadra popular:

É como casa sem janela
A casa sem ter mulher.
Não tem luz dentro de si
Dê-lhe o sol por onde der.

Se soubesses as desilusões porque alguns passaram, ainda tão pequeninos...!

Queres ser Luz, Esperança, Presença, para eles?

Se não estás ligada a nenhum compromisso prioritário, pensa nisto. Mas de joelhos e com a Palavra de Deus no coração.

Se já alguma vez reflectistes, amadurece esta ideia. Pensamos e pedimos, por ti, no Altar. Ajudamos com a nossa oração.

Fazes muita falta! Sem a tua companhia na infância, talvez fiquem muitos carenciados toda a vida magoando-se — e magoando os outros.

Se vieres, não venhas à procura de fazer uma obra grande. A obra está feita: *Deles, para eles, por eles*. Precisamos de continuadores que queiram ajudar com a sua *Presença*. Como alguém que ajuda a conduzir. Não esqueças de trazer *Paciência, Esperança* para conseguires *Perseverança* — para seres e estares como *Mulher-Mãe, apenas*.

Isaura (de Setúbal)

SETÚBAL

Continuação da página 1

O seu crescimento interior mais perturbado. Abandonado com dias, pela mãe, criatura de *boîtes* e prostituição, foi posto numa «colocação familiar» pela Assistência Social. Passados anos, passou para outra «colocação» e... depois, para outra que o rejeitou. Veio para nós como um rapaz meigo, mas difícil. Que admira? Muito eu gostava que os antropólogos e os psicólogos, estudando estes casos, pusessem os seus conhecimentos ao serviço do Direito e da Assistência a menores. Não como quem sabe teoricamente, mas como quem sofre no fundo da alma.

Uma planta arrancada e plantada muitas vezes, jamais se desenvolve normalmente. Uma criança arrancada do seu ambiente afectivo e transplantada várias vezes para outros, dificilmente cria raízes que a segurem.

A família sim, mas quando é estável. Uma colocação familiar de preferência a qualquer instituição, sim, mas quando é definitiva para a criança. Nada mais ruinoso que pô-la a saltar de colocação para colocação.

O «Juju» é uma vítima de técnicas erradas que a Assistência forjou nos seus gabinetes. Registrado com progenitores legítimos, o tribunal de Santarém recusou fazer uma entrega judicial à Casa do Gaiato. O rapaz tem força suficiente para dar muito que fazer aos tribunais e às cadeias. Jamais algum tribunal humano o condenará com **Justiça**.

Começo a entender a desculpa normal de todos os presos: — *A sociedade é que tem a culpa da nossa situação*. No caso de crianças sem família, tem plena justeza.

É evidente que o crescimento deste menor seria bem desigual se a primeira colocação fosse definitiva ou tivesse sido uma adopção. As leis de menores, porque não têm em conta o peso do submundo que os subjuga, são tão desumanas como injustas.

Até quando?!

Padre Acílio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média durante o mês de Janeiro: 71.100 exemplares